

OS PORTUGUESES NO REINO DE PRESTE JOÃO

Augusto Gabriel Colombo¹

RESUMO

O mito de Preste João surgiu no século XII na Europa cristã, no contexto dos preparativos da Segunda Cruzada. E foi a partir de uma suposta carta desse soberano mítico enviada ao imperador bizantino Manuel Comneno que se iniciou a criação de uma lenda que permearia o imaginário europeu medieval, a da existência de um rico e poderoso reino cristão que estava separado dos ocidentais pelo islã. Das mais variadas riquezas, palácios suntuosos, a fonte da juventude, criaturas que iam do celestial ao demoníaco, esse era o reino descrito na Carta. Houve algumas tentativas para localizar esse reino, primeiro na Ásia e depois na África, e foram os portugueses que conseguiram encontrar o reino mítico no final do século XV. Era o reino cristão da Etiópia, ao qual os lusitanos haviam chegado e para eles era o reino de Preste João. Nesta pesquisa, propõe-se analisar a criação do mito de Preste João e de como foi a “descoberta” do reino por Portugal. Tem-se como objetivo entender o impacto da Carta de Preste João na criação do mito. A justificativa para a realização deste trabalho se dá pela necessidade de debater esse tema ainda pouco conhecido no Brasil, que é a lenda de Preste João e sua relação com Portugal e a Etiópia, isso porque esse mito foi muito importante para a Europa medieval e esteve no imaginário lusitano durante a sua expansão marítima. A abordagem metodológica utilizada foi a análise da Carta de Preste João e de livros e artigos sobre o tema.

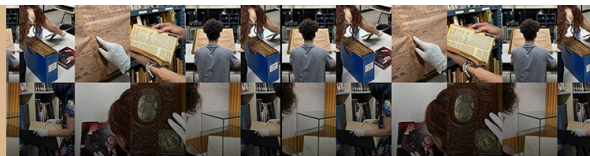
Palavras-Chave: África; Etiópia; Cristianismo; Preste João; Portugal.

ABSTRACT

The myth of Prester John emerged in the 12th century in Christian Europe, in the context of preparations for the Second Crusade. And it was from a supposed letter from this mythical sovereign sent to the Byzantine emperor Manuel Komnenos that the creation of a legend that would permeate the medieval European imagination began, that of the existence of a rich and powerful Christian kingdom that was separated from the Western ones by Islam. From the most varied riches, sumptuous palaces, the fountain of youth, creatures that ranged from celestial to demonic, this was the kingdom described in the Letter. There were some attempts to locate this kingdom, first in Asia and then in Africa, and it was the Portuguese who managed to find the mythical kingdom at the end of the 15th century. It was the Christian kingdom of Ethiopia, to which the Lusitanians had arrived and for them it was the kingdom of Prester John. This research proposes to analyze the creation of the myth of Prester John and how the “discovery” of the kingdom was by Portugal. The objective is to understand the impact of the Letter of Prester John on the creation of the myth. The justification for carrying out this work is due to the need to

¹ Graduando em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO). Artigo realizado para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea, sob a orientação dos Profs. Drs Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes.

12º Encontro de Pesquisa em História



debate this topic that is still little known in Brazil, which is the legend of Prester John and his relationship with Portugal and Ethiopia, because this myth was very important for medieval Europe and was in the Portuguese imagination during its maritime expansion. The methodological approach used was the analysis of the Letter of Prester John and books and articles on the topic.

Keywords: Africa; Ethiopia; Christianity; Prester John; Portugal.

INTRODUÇÃO

Presbiter Iohannes, potentia et virtute Dei et domini nostri Iesu Christi [rex regum et] dominus dominantium, Emanueli, Romeon gubernatori, salute gaudere et gratia ditandi ad ulterior transire.² (Carta do Preste João das Índias, p.52).

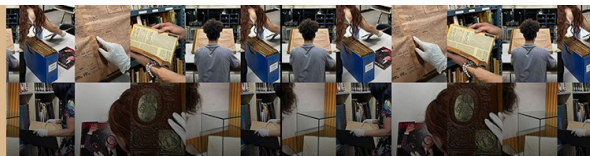
No século XII, surge um boato que vai se espalhar por toda a Europa, de que existiria um rico e poderoso reino cristão governado por Preste João. Esse reino se localizaria nos confins da Índia, fazia fronteira com o “Paraiso Terrestre” e estaria separado da Europa pelos muçulmanos. Houve algumas tentativas de encontrar e estabelecer contato com esse rei e a circulação de supostas cartas e relatos sobre ele aumentaram ainda mais esse mito. Naquela época, as definições geográficas não eram as mesmas que temos hoje, por isso que a “Índia” que Preste João governava poderia ser a Ásia ou a África (Pereira, 2012).

Uma suposta Carta de Preste João teria sido enviada ao imperador bizantino Manuel I Comneno, no século XII. Existem muitas controvérsias sobre a origem e a versão dessa carta, já que durante os séculos ela foi sistematicamente copiada e reescrita. Muitos estudiosos tentaram associar a lenda do rei cristão à personagens reais, como os mongóis, além de fazer associações a figuras de outros períodos históricos, como Alexandre Magno, São Tomé e Baltazar (Ramos, 1998).

O emissário português Pêro de Corvilhã, quando chegou à Etiópia em 1494, na época do reinado de Constantino II, acreditou ter encontrado o reino de Preste João. Esse equívoco ocorreu, pois, o explorador português lá encontrou uma rica cultura cristã e que estava em guerra contra os islâmicos. Desde o século IV, o Reino de Axum, que se tornaria a Etiópia, era

² O Preste João, [rei dos reis e] senhor dos senhores, pelo poder e graça de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Manuel, regedor de Roma, envia saudações e alegria, para alcançar maiores coisas. (Carta do Preste João das Índias: Versões Medievais Latinas. Tradução: Leonor Buesco.)

12º Encontro de Pesquisa em História



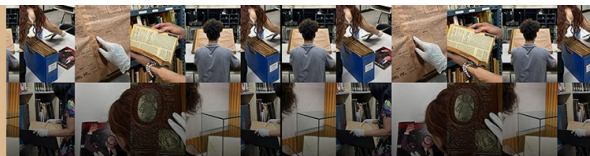
um reino convertido ao cristianismo. A intensa atividade comercial que existia no altiplano etíope com o mar Vermelho, fez com que chegassem e se propagassem muitas religiões e cultos, entre elas o cristianismo.

Axum teria se tornado um reino cristão graças a evangelização do monge sírio Frumêncio, que em viagem com seu irmão pelo mar Vermelho foram feitos prisioneiros em uma parada na costa africana. Os irmãos foram escravizados e levados até a corte de Axum para trabalhar para o *negus* (rei). Eles teriam propagado e evangelizado muitas pessoas, tanto que quando o rei morreu e seu filho Ezana subiu ao trono, ele se converteu à nova religião (Silva, 2021). Isso fez surgir uma rica e diversa cultura cristã na África que mistura elementos cristãos com judaicos e tradicionais africanos.

O reino de Portugal iniciou as suas Grandes Navegações em 1415, com a conquista de Ceuta. Após, continuou se expandindo, chegando à Índia pelo mar, em 1498, e ao Brasil, em 1500. No seu processo de desbravamento dos mares, os portugueses tinham como principal objetivo chegar à Índia pelo mar e, assim, ter acesso ao rico mercado asiático. Mas, outro interesse português, que nem sempre é lembrado, era o desejo de encontrar o reino mítico de Preste João. Os portugueses tentaram, primeiramente, encontrar o reino na costa atlântica da África e depois no lado oriental do continente, onde Pêro de Corvilhã chegou ao reino cristão da Etiópia e estabeleceu relações entre os dois reinos. Nesse primeiro contato, Corvilhã acreditou ter finalmente encontrado o mítico reino de Preste João. Depois de séculos de procura, imaginou estar diante do tão poderoso reino que se juntaria aos europeus na luta contra os muçulmanos. Mas não foi bem isso que aconteceu.

Este trabalho se propõe a entender o surgimento do mito de Preste João a partir da análise da Carta enviada ao imperador bizantino e estabelecer hipóteses do surgimento dessa lenda. Além disso, busca-se compreender como Portugal “encontrou” o reino mítico e quais foram as motivações para que acreditassem que o reino cristão da Etiópia fosse o reino de Preste João. A pesquisa se justifica pela necessidade de se debater esse tema ainda pouco conhecido no Brasil, que é a lenda de Preste João e sua relação com Portugal e a Etiópia. Isto porque, esse mito foi muito importante para a Europa medieval e esteve no imaginário lusitano durante a sua expansão marítima.

12º Encontro de Pesquisa em História



Tem-se como objetivo geral investigar o impacto que o mito de Preste João causou, sobretudo em Portugal, e a Carta, como fonte histórica, ajudará nisso à modo de entender como o mito surgiu. E como objetivos específicos o de conhecer o conteúdo da Carta de Preste João das Índias; entender a relação do mito com a Etiópia e de analisar parte da história da Etiópia medieval, além de características do cristianismo etíope, bem como a relação do país com Portugal no século XV e XVI.

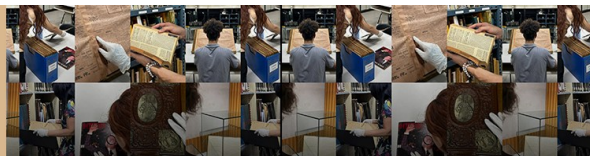
Como metodologia dessa pesquisa será feita a análise da Carta do Preste João das Índias, para que possamos entender a construção desse mito. Será utilizada uma bibliográfica de artigos e livros sobre o assunto, e entre eles podemos citar as obras de Silva (2021), Costa (2000), Ramos (1997), Vilhena (2001), Etchebéhère Junior e Lepinski (2009), entre outros.

Segundo Bellotto (2002, p.52), “há uma enorme gama de especificidades relativamente à espécie documental *carta*, não tanto quanto à sua estrutura, mas sim quanto à sua finalidade e redação de seu conteúdo”. Com isso, pode-se ter em mente que o gênero textual “carta” é bem diverso, não no que diz respeito à sua estrutura, mas na sua finalidade e na forma de se escrever. Ao longo da história, as cartas foram escritas com as mais diferentes finalidades, como exemplos pode-se falar das cartas de amor, das cartas de guerra, das trocas de cartas entre familiares etc. No entanto, a Carta de Preste João das Índias é um caso um pouco diferente, pois trata de um relato de um rei mítico e de um reino mítico (Costa, 2000), e que hoje sabe-se que é o fruto de uma falsificação com intenções políticas. Por isso, a sua análise será feita a partir das descrições feitas em seu conteúdo para entender a construção do mito e o seu surgimento. Sobre o seu impacto em Portugal serão utilizados diferentes autores para ter-se acesso a diferentes hipóteses.

PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS: A CRIAÇÃO DO MITO

No século XII, o imperador bizantino Manuel I Comneno recebe uma carta que havia como remetente *Presbiter Johannes*, um enigmático soberano cristão que governava um grandioso e poderoso reino. Essa carta descreve um reino com animais e criaturas míticas que vão do celestial ao diabólico, com uma dimensão que chegava ao “Paraiso Terrestre”, com florestas e plantas milagrosas, uma fonte da juventude, e entre tantas outras coisas que são descritas. Esse soberano apelava, em sua carta, para uma aliança entre o seu reino e os cristãos

12º Encontro de Pesquisa em História



ocidentais contra as forças muçulmanas que ameaçam a cristandade. Em pouco tempo o assunto dessa carta se espalhou pela corte bizantina e pela Europa cristã, causando grande alvoroço (Vilhena, 2001).

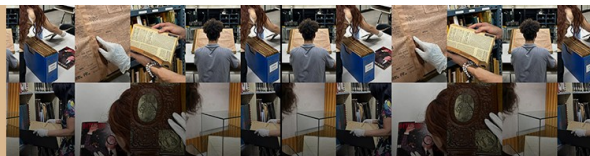
O Papa Eugenio III e o Sacro-Imperador Romano Germânico Frederico I Barba-Ruiva e outros soberanos europeus também teriam recebido uma carta de Preste João. No entanto, teria sido Oto Babenberger o responsável por escrever a Carta em nome Preste João e assim criado a lenda que percorreria pela Europa Cristã. Antes de entender os motivos que levaram Oto a fazer isso, é preciso saber qual era a situação da Europa naquele momento da Idade Média.

Em 1144, a cidade de Edessa, na Palestina, é conquistada pelos muçulmanos após um longo período sob domínio dos Cruzados. Hugo, bispo de Jabala, foi enviado ao encontro do papa Eugênio III para discutir o lançamento de uma Segunda Cruzada, como embaixador do Reino de Jerusalém e do Principado de Antióquia. E junto ao papa já estava Oto Babenberger, bispo de Freising e tio de Frederico I Barba-Ruiva, Sacro-Imperador Romano Germânico. Nesse encontro, o bispo de Jabala teria informado o papa sobre a possível existência de um reino cristão na Ásia, na fronteira com a Pérsia e o qual havia saído vitorioso de muitas batalhas contra os islâmicos (Costa, 2000, p. 54). Pode-se observar que foi nesse contexto dos preparativos da Segunda Cruzada, que ocorreria entre 1147 e 1152, que surgiu a lenda de Preste João, tornando-se uma luz de esperança para os europeus que ansiavam pela reconquista da Jerusalém.

Segundo Costa (2000), teria sido Oto Babenberger o provável falsificador da Carta de Preste João. Após ele escutar o relato na corte papal, ele teria escrito uma carta em nome de Preste João. E, assim, um bispo alemão criou uma lenda que percorria o imaginário europeu medieval.

O bispo de Freising era tio de Frederico I Barba-Ruiva. Aqui é possível entender a sua relação com a política germânica na época, e vale constar que, na Idade Média, política e religião eram quase inseparáveis. Além disso, ele pode ser “considerado como um dos melhores, talvez o melhor dos historiadores/cronistas do século XII devido a seu *opus magnum*, a *Chronica de Duabus Civitatibus*; possivelmente a melhor síntese de História e Filosofia escrita durante o período medieval” (Araujo, 2012). Além do seu importante papel político e religioso, Oto também foi um importante e destacado escritor medieval.

12º Encontro de Pesquisa em História



Frederico I passava, nesse período do século XII, por duas grandes disputas. A primeira disputa se dava em relação às lutas internas do império germânico entre os *guelfos* e *gibelinos*; os primeiros eram partidários da família de Welf, enquanto os segundos dos Hohenstaufen:

Havia no mundo romano, entre as fronteiras da Gália e Germânia, duas renomadas famílias: a dos Henriques de Waiblingen e a dos Welfs de Altdorf. Uma foi destinada a produzir imperadores e a outra, grandes duques. Estas famílias, ávidas por glória, como é usual entre os grandes homens, frequentemente invejavam uma a outra e amiúde perturbavam a paz do reino. (Otto de Freising, Rahewin, 2004, p.116, *apud* Araujo, 2013, p. 2)

Nesse trecho escrito pelo próprio Oto Babenberger, podemos entender que ambas as famílias em questão eram muito poderosas e por isso vão entrar em constantes lutas. A disputa pelo controle do Ducado da Suábia será o início da briga entre as duas famílias que vai se estender por gerações e, com o tempo, envolver outros territórios e partidários. Vale destacar que o bispo de Freising e Frederico I eram *gibelinos*³.

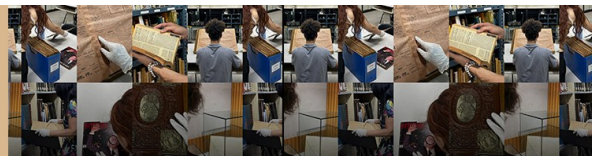
A segunda disputa em questão era entre Frederico I e o papa Alexandre III, que tinha como origem a Querela das Investiduras, que foi uma longa disputa entre os monarcas e os papas sobre a nomeação dos bispos. O imperador alemão, interessado em retomar à Lombardia, que esteve sobre o jugo do Sacro-Império por muito tempo, acabou entrando em guerra contra as cidades italianas e o papa, que se sentiram ameaçados com tal atitude. Mas, no fim, Frederico precisou aceitar a derrota na guerra e se reconciliar com o papa.

Essa era a situação pela qual passava Frederico I, a qual Oto Babenberger era partidário. Como o imperador estava envolto nessas e em outras disputas, Oto quis associar a sua imagem com a de Preste João, através de um apoio espiritual que seria superior ao papa e que traria legitimidade ao projeto de um grande império contra o papado. E ele tentou construir uma “ponte” entre o imperador e Preste João (Costa, 2000, p. 57).

Pode-se imaginar que Oto Babenberger, querendo se aproveitar dos boatos da existência de reinos e comunidades cristãs no Oriente, acabou criando um reino mítico com um poderoso rei para que pudesse associar a imagem de Preste João à de Frederico I, que ansiava por formar um grande império. Só que essa tentativa de promover o seu imperador acabou criando um mito que durante séculos fecundaria o imaginário europeu:

³ Os gibelinos eram os partidários da família Hohenstaufen.

12º Encontro de Pesquisa em História



Notícias vagas e fantasiosas sobre estas comunidades chegaram a Roma, trazidas por viajantes, mercadores, aventureiros, missionários e peregrinos. Notícias que eram deturpadas e encorpadas de forma a darem peso de verdade à necessidade que a Europa cristã sentia de um apoio vindo daquelas regiões, as quais imaginava ricas e poderosas. Irmãs na fé, estas comunidades estariam igualmente assustadas com a força do Islão; e igualmente estariam interessadas numa aliança com os irmãos do Ocidente (Vilhena, 2001, p. 633).

Por meio deste excerto identificamos que os europeus sabiam, apesar de vagamente, da existência das comunidades cristãs espalhadas no Oriente. Os nestorianos na Índia, Mongólia e China, e os coptas na Etiópia, são algumas dessas comunidades. Mas, a grande maioria das notícias e relatos que chegavam eram sistematicamente alterados (Ramos, 1998).

Na Idade Média, religião e política estavam altamente unidas, principalmente em Bizâncio, e era importante combater qualquer outra forma de interpretação da religião, as chamadas heresias, que eram interpretações diferentes do evangelho (Barros, 2010). Uma delas era o nestorianismo, que começou em Antióquia com Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuestia, mas foi com Nestório, Patriarca de Constantinopla (428-431) que ganhou notoriedade. Ele defendia que as naturezas divina e humana estavam separadas em Cristos e de que a Virgem Maria não deveria ser considerada mãe de Deus, pois ela gerou um homem (Jesus) em que o verbo de Deus esteve presente temporariamente (Simões, 2010 p.66-67). Além disso, os nestorianos defendiam que os escritos bíblicos não poderiam ser submetidos, de forma alguma, a interpretações racionais, porque eles provinham de uma verdade revelada por Deus:

Banida pela ortodoxia do Estado Bizantino do século V, as ideias heréticas nestorianas migraram da região do Egeu e do Oriente Médio, onde nasceram para a Mesopotâmia e a Pérsia e, depois, para a Índia e a China, através das estepes da Ásia Central, vindo a se constituir como uma igreja cristã independente (Simões, 2010, p. 64).

O nestorianismo acabou sendo condenado como heresia e seus seguidores tiveram que fugir para diferentes lugares, e foram sobretudo para a Mesopotâmia e a Pérsia, e da lá se espalharam para a Índia e China. Esse grupo cristão que se espalhou pela Ásia não tinha ligação com as Igrejas de Roma e de Constantinopla, o que fez com que ela não sofresse interferência e com o tempo formasse a sua própria Igreja.

E foi a partir dos relatos da existência desses grupos cristãos na Ásia que começaram a surgir os boatos de que existiria um reino cristão poderoso nas estepes asiáticas. E com os interesses políticos, o bispo de Freising teria falsificado uma carta e enviado, em 1150, uma cópia para o imperador bizantino, uma para o papa e outra para Frederico I (Costa, 2000). Muito

12º Encontro de Pesquisa em História



provavelmente, o bispo alemão não imaginaria o impacto que a carta que teria escrito gerou. Ao longo dos séculos houve várias tentativas para encontrar o reino de Preste João, primeiro buscaram na Ásia e depois na África, vários reis asiáticos, que não eram cristãos, e personagens históricos acabaram sendo confundidos com o rei cristão.

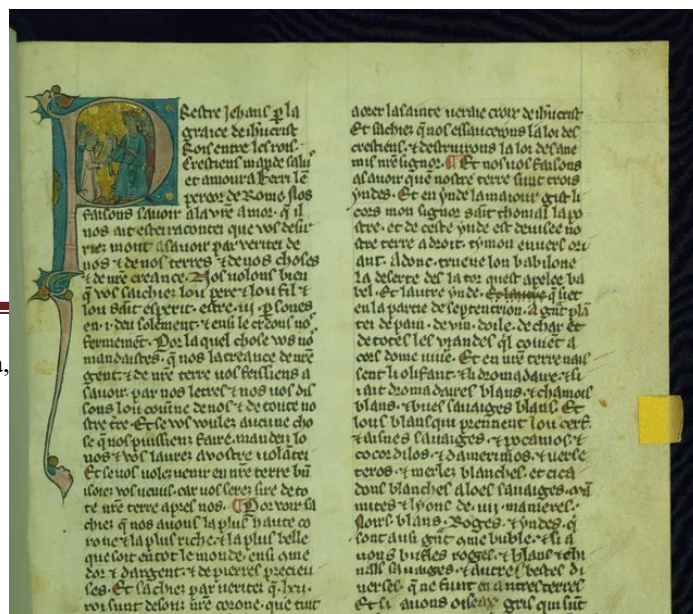
Quando o bispo de Jabala informou ao papa que os islâmicos haviam sido derrotados por um soberano cristão, ele estava se referindo à derrota de Sandjar, sultão seljúcida de Korasan, na batalha de Qatwan, em 1141, contra Yeh-lu Ta-Shib, que era imperador de Kara Khitay, um império na Ásia Central e que seu imperador era budista (Vilhena, 2001, p. 634). Esse e outros soberanos asiáticos foram confundidos com Preste João. São Tomé, Alexandre o Grande, Baltazar, foram personalidades históricas que também foram, de alguma forma, confundidos com o mítico rei cristão.

A CARTA DE PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS

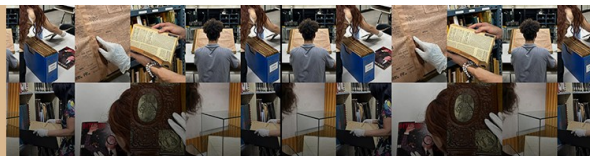
Ao longo do tempo foram feitas sistemáticas cópias e traduções da carta, então as versões que chegaram até hoje sofreram muitas alterações em relação à original. Como diz Ramos (1998, p.14): “A Carta original é vista como uma fabricação, enquanto as versões posteriores, que possuem mais informações fantasiosas, são consideradas verdadeiras mistificações que tem a função de satisfazer o público”.

A seguir há um fragmento da Carta de Preste João. Esse fragmento pertence ao manuscrito “Histoire d’Outre Mer”, que foi escrito por Guilherme de Tiro no final do século XII. Além da Carta de Preste João, essa obra contém outros textos presentes. Esse fragmento pertence ao The Walters Art Museum, em Baltimore, nos Estados Unidos, com esse e outros fragmentos disponíveis na coleção online do museu.

Figura 1. Fragmento da Carta de Preste João presente no manuscrito “Histoire d’Outre Mer”.



12º Encontro de Pesquisa em História



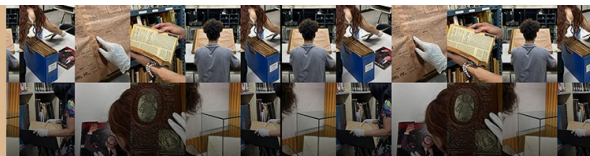
Fonte: The Walters Art Museum, 2024. Disponível em: <https://art.thewalters.org/detail/8971/histoire-doutre-mer-2/>. Acesso em: 22 out. 2024.

Aqui, a versão utilizada da Carta de Preste João é de tradução de Leonor Buesco, publicada em 1998 em Lisboa, Portugal. Essa versão da Carta foi publicada como um livro pela editora Assírio & Alvim, contando com 144 páginas. O livro contém tanto a versão em latim, quanto a versão em língua portuguesa da Carta. A edição usada de referência pelos autores é de 1879, de Friedrich Zarncke, que era um filólogo alemão.

A Carta começa com uma saudação a “Manuel, regedor de Roma” (p.53) e convite para que ele vá até o seu reino. Em seguida, descreve o tamanho do reino: “Setenta e dois reis são nossos tributários [...] A Nossa Majestade domina as três Índias; o nosso território começa na Índia posterior, na qual repousa o corpo do apóstolo São Tomé, e desce até a deserta Babilônia, contigua à torre de Babel” (1998, p.55). Segundo essa descrição, o reino de Preste João estaria nas regiões compreendidas hoje como Oriente Médio, Ásia Central e o Subcontinente Indiano. São descritos os animais que existem no reino também:

Na nossa terra nascem e crescem elefantes, dromedários, camelos, hipopótamos, crocodilos, metagalináceos, cameteternos, tinsiretas, panteras, onagros, leões brancos e ruivos, ursos brancos, melros brancos, cigarras mudas, grifos, tigres, lârnias, hienas, porcos selvagens grandes como búfalos e com dentes do comprimento de um côvado,

12º Encontro de Pesquisa em História



grandes cães selvagens do tamanho de cavalos, [...] Bois selvagens, sagitários, homens selvagens, homens com cornos, faunos, sátiros e mulheres da mesma raça, pigmeus, cinocéfalos, gigantes cuja altura é de quarenta côvados, monóculos, ciclopes e uma ave que chamam fênix e quase todo o gênero de animais que existem debaixo do céu (1998, p.55-56).

Aqui pode-se ter uma ideia dos seres que habitam o reino, dos animais comuns como elefantes, camelos, ursos e tigres, e de seres mitológicos, como grifos, sagitários, pigmeus, ciclopes e a fênix. Em outro trecho se fala de formigas do tamanho de cachorros, dragões e de um povo que devora animais e homens, e quando um deles próprio morre, seus parentes também o devoram (1998, p.59-61). Entende-se bem quando se diz que o reino é habitado por criaturas que vão do divino ao diabólico, o último bem mais recorrente pelas descrições.

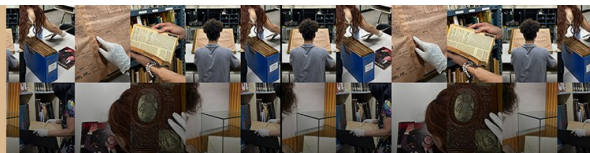
Entre outras coisas, a Carta descreve a fonte da juventude (p.73-75), as riquezas do reino (p.77), pedras mágicas e poderosas (p.77-83). Quando vão para guerra, são levadas “treze grandes e altas cruzes, feitas de ouro e de pedras preciosas, em cada um dos carros, em lugar de estandartes, e a cada uma delas seguem dez mil soldados e cem mil peões armados [...]” (1998, p.83). Esse pequeno excerto mostra o tamanho e o poder do exército de Preste João e por esses motivos os europeus vão acreditar de que esse suposto reino seria poderosíssimo. No reino habitariam as amazonas (p. 85-89), que viveriam em uma ilha com uma extensão de mil milhas e elas fariam parte do exército do rei.

Entre as outras descrições que se seguem estão as dos palácios reais. Na Carta são descritos quatro ricos e magníficos palácios. Um deles seria totalmente de ouro e de pedras preciosas e os outros não ficariam para trás em relação a sua magnificência e esplendor. Segue a descrição de um desses palácios:

No palácio muitas coisas são completamente incríveis para a mente humana. Aí, [com efeito], erguem-se quinhentas colunas de ouro e videiras de ouro pendem entre essas colunas, ostentando folhas e ramos, uns de ouro, outros de cristal, outros de safira, outros de pérolas, outros de esmeraldas e as suas paredes estão revestidas de lâminas de ouro, com a espessura de dedos humanos. As suas paredes são ornadas de pérolas, [carbúnculos] e todas as pedras preciosas. Fora do palácio estão colunas de marfim totalmente revestidas com lâminas de ouro. As câmaras são de madeiras de cedro e ornadas, com toda a arte como jamais pode ser encontrada de pedras preciosas (1998, p. 117-119).

Esse e os outros palácios, são descritos como grandes maravilhas, construídos com ouro e pedras preciosas. Através dessas descrições que os europeus acreditavam que Preste João seria

12º Encontro de Pesquisa em História



o mais rico e poderoso rei que já existiu na Terra, e por isso a formação de aliança contra o islã era tão desejada.

OS PORTUGUESES NA BUSCA POR PRESTE JOÃO

Ao longo do tempo, ocorreram algumas tentativas de encontrar o reino de Preste João. O papa e alguns reis chegaram a enviar emissários. Como já foi dito, vários reis asiáticos foram confundidos com o monarca. Marco Polo o identificou como sendo rei das tribos tártaras e que teria sua corte na cidade Caracorum⁴, na atual Mongólia, além disso, diz que o seu nome verdadeiro era Uncham (Polo, 2015). O Concílio de Lião (1245-1247) decidiu contactar Preste João e João de Pian de Carpine é encarregado dessa missão. Algum tempo depois, Guilherme de Rubruk recebe a mesma missão do rei Luís da França. Como é de se imaginar, essas e outras tentativas de contato foram falhas (Vilhena, 2001).

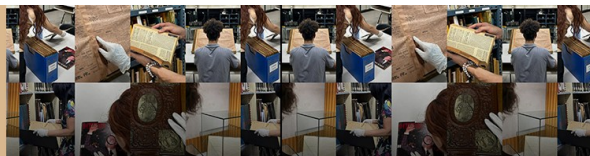
Ao longo do século XIV e XV, os monarcas do reino cristão da Etiópia começaram a enviar embaixadas a alguns reis europeus e aos papas, numa tentativa de buscar apoio, visto que eles estavam cercados por reinos e principados islâmicos. Isso, aliado ao fato de não encontrarem o reino de Preste João na Ásia, vai fazer com que se comece a acreditar que o reino mítico estaria na África (Costa, 2000).

Em meados do século XV, o rei português Afonso V (1432-1481) recebeu Jorge, que dizia ser embaixador de Preste João, mas que hoje se sabe que se tratava de um etíope cristão (Henriques, 2017). Isso começou a despertar um interesse dos lusitanos em entrar em contato com esse reino e havia dois motivos com esse interesse: 1º ter relações estabelecidas com esse reino traria acesso ao rico mercado asiático; 2º a possibilidade de conquistas militares e territoriais contra os muçulmanos (Panegassi, 2019). Segundo o autor, o interesse português em encontrar o reino de Preste João era puramente econômico e militar.

Ao longo do século XV Portugal estava em um processo de expansão ultramarina, que começou com a conquista de Ceuta em 1415 e seguindo com várias descobertas por parte dos navegadores portugueses: Bartolomeu Dias ultrapassou o Cabo das Tormentas (1488); Vasco da Gama chegou a Calicute na Índia (1498); Pedro Alvarez Cabral descobriu o Brasil (1500). Mas foi outro português o primeiro a chegar ao reino de Preste João.

⁴ A cidade Caracorum foi a primeira capital do império Mongol e está localizada na região central da atual Mongólia.

12º Encontro de Pesquisa em História



Em 1487, Pêro de Corvilhã e Afonso Paiva são enviados em missão por D. João II, com o objetivo de alcançarem o reino tão procurado. Afonso de Paiva pereceu no caminho, mas Corvilhã chegou em 1492 à corte de Preste João, ou melhor, à corte do rei da Etiópia. Entretanto, ele foi proibido pelo rei africano de retornar à Europa, por isso permaneceu e morreu em solo africano, mas se casou e conquistou uma grande fortuna (Pegassi, 2019).

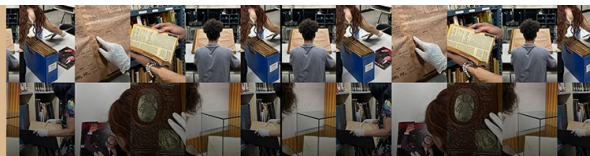
O reino português só vai estabelecer relações de fato com o reino da Etiópia em 1520, quando foi enviada uma embaixada chefiada por D. Rodrigo de Lima, embora eles ainda acreditassem ser o reino mítico descrito na Carta de Preste João. Entre os membros dessa missão está o padre Francisco Álvares que, em 1540, publicou um livro intitulado “Verdadeiras Informações das terras do Preste João das Índias”, e foi através dessa obra que se pôs fim ao mito de Preste João. Como diz Vilhena (2001, p. 645):

Foi o desmoronamento do mito do Preste João. A Abissínia, Abássia ou Etiópia, era um país semi-bárbaro, sem interesse político, sem capacidade militar, cristão sim, mas herético; que em nada contribuiria para o nosso projecto comercial. Inútil para nos ajudar, tanto no alargamento da fé como do império. Desapareceu o patético, o grandioso, o fantástico da Carta do séc. XII. Afinal o “palácio de cristal” onde o Preste João reside é apenas uma tenda de nómada.

Álvares teria ficado completamente decepcionado com reino que encontrou, pois, a Carta que percorreu séculos descrevia uma país imaginário e que em nada se assemelhava com o que foi encontrado. Era esperado encontrar o reino mais rico e poderoso da Terra, mas nenhuma grandeza e maravilha foram vistas lá. Essa obra foi um grande sucesso em seu tempo, pois foi o primeiro escrito “científico” que descrevia a verdade sobre o reino de Preste João, o mito que permeou e semeou na mente europeia a possibilidade de uma forte aliança contra o islã (Costa, 2000).

Pouco tempo depois houve uma inversão do mito, o rei Claudio II da Etiópia pediu ajuda militar de Portugal contra os muçulmanos que ameaçavam tomar e acabar com o reino. A Campanha da Etiópia, como ficou conhecida, ocorreu entre 1541 e 1543. Com o comando de Cristóvão da Gama, filho do navegador Vasco da Gama, “quatrocentos homens, que eram os melhores da armada, e se foram oferecer; e lhe deu oito peças de artilharia, cem mosquetes, e muitas munições; e além das armas que os soldados levavam lhe mandou dar outras tantas de sobrecellentes” (Castanhoso, 1898, p. 30 *apud* Pereira, 2012, p. 19). Foram esses 400 homens portugueses que salvaram o reino de Preste João da total aniquilação pelos islâmicos. Dessa

12º Encontro de Pesquisa em História



maneira terminou a lenda de Preste João, apesar de que, por um tempo, o soberano etíope ainda continuou a ser chamado de Preste João pelos europeus, mas já se sabia que não havia nada de mítico ou semelhante com o descrito na Carta.

A HISTÓRIA DA ETIÓPIA E O CRISTIANISMO ETÍOPE

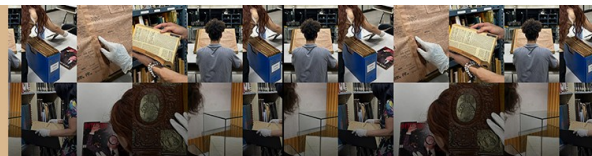
Historicamente, a Etiópia se configura como um dos países mais velhos do mundo, já que na sua região existiram numerosos Estados que se sucederam. O próprio nome “Etiópia” vem da Antiguidade com os gregos, que chamavam a região de *Aethiopia*, o território ao sul do Egito. Esse nome vem de *Ethipos*, que em grego significa “rosto queimado” (Etchebéhère Junior, Lepinski, 2009, p.78). Outro nome que é comumente utilizado para a região é Abissínia, que vem do árabe *Al-Habash*, que significa “terra do povo Habasha”, que se refere aos habitantes das regiões de Amhara e Tigre, que por muito tempo controlaram o país.

A atual República Democrática Federal da Etiópia tem sua origem com o Reino de Axum, herdeiro da tradição de Meroé, na Núbia, que após sua queda se tornaria o Reino Zague e posteriormente, com a dinastia Salomônica, se transformaria no Império da Etiópia, que existiu entre 1270 e 1974, quando o imperador Haile Selassie foi deposto por uma junta militar socialista (Macedo, 2020). Essa longa e rica história é cheia de momentos importantes, como a chegada de Pêro de Corvilhã em 1494 nas terras do reino de Preste João.

Após a discussão sobre o surgimento da lenda de Preste João e como Portugal “encontrou” o reino, aborda-se o reino cristão da Etiópia e a vertente do Cristianismo lá existente, para que se possa entender o porquê de os portugueses terem acreditado ter encontrado o reino de Preste João no chifre da África. São poucas as informações sobre os primeiros habitantes do chifre da África, mas sabe-se que, por volta do século VII a.C., povos de origem cuxitas habitavam a região e praticavam pastoreio e cultivo (Contenson, 2010). Em um certo momento, grupos sul-arábicos estabeleceram entrepostos comerciais e colônias na região.

Com o tempo, esses povos árabes perderam influência e uma importante cidade começa a se despontar: Axum. A cidade ficava nas montanhas etíopes, entre a rota que ligava o rio Nilo ao Mar Vermelho, por isso ela se tornou um importante entreposto comercial. Adulis, que ficava na costa do Mar Vermelho, era a porta de entrada marítima para o Reino que estava se formando. Por estar em uma região com intensa atividade comercial, Axum ganhou grande importância

12º Encontro de Pesquisa em História



política e econômica (Anfray, 2010). Ouro, marfim, escravos, especialmente os eunucos, eram as mercadorias mais valiosos desse reino.

Entre os séculos III e V, quando existe uma intensa movimentação comercial pelo reino de Axum, junto dos comerciantes chegavam muitas crenças e religiões. Divindade gregas, romanas, egípcias, persas e muitas outras eram adoradas, mas a religião que mais se estabelecerá e ganhará força será o cristianismo. Segundo a tradição etíope, teria sido o monge sírio Frumêncio que converteu o reino à nova religião. Ele e seu irmão Edésio teriam partido em viagem pelo Mar Vermelho, quando teriam sido feitos prisioneiros por piratas e vendidos como escravos na corte de Axum para o *negus*. Lá eles teriam trabalhado e convertido o rei e a família real. Após serem libertados, Frumêncio partiu para Alexandria e informou o Patriarca Copta sobre a existência de cristãos em Axum, pedindo a nomeação de um bispo para o reino.

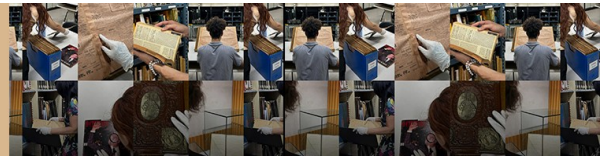
O Patriarca Atanásio nomeia o próprio Frumêncio ao cargo e quando retorna a Axum, por volta de 330, batiza a família real e muitos membros da corte (Silva, 2021, p. 189).

Apesar de essa história ser difundida na Etiópia, fica a dúvida de como dois monges sírios teriam conseguido converter um reino inteiro a uma nova religião. Por isso, supõe-se que já deveria existir muitos cristãos entre os habitantes do Axum, e isso, aliado às conversões de Frumêncio, teria dado início à tradição cristã que perdura até hoje na Etiópia. Além de que o Reino possuía boas relações com Constantinopla, e isso pode ter influenciado na decisão do rei em se converter (Mekouria, 2010).

O Reino de Axum manteve-se com relativo poder até o século VI, quando o comércio no mar Vermelho decaiu. Com isso, o reino perde o motor da sua economia e, por consequência, o seu poder político. Isso faz o reino entrar em um período de declínio que dura até o século X. Também neste momento e nos próximos haverá guerras e disputas internas pelo poder e pela sucessão ao trono, situações que tornam o reino ainda mais enfraquecido.

No século XI, o reino enfrentou uma série de guerras contra o avanço islâmico, além de lutas internas pelo poder com o fim da dinastia axumita e início da dinastia do Zaguês. Um dos reis dessa nova dinastia foi Lalibela (1205-1225), que ordenou “construção” das famosas igrejas escavadas na rocha (Figura 2). Eram 11 igrejas localizadas em duas colinas separadas por um rio. Teriam sido necessários 24 anos para a construção que, segundo o mito, contou com a ajuda dos anjos. Elas foram esculpidas, interna e externamente, contendo pinturas e inscrições nas

12º Encontro de Pesquisa em História



paredes. Segundo Silva (2021), os santuários de Lalibela são prova do intenso fervor religioso dos Zaguês e dos etíopes.

morte de iniciou uma sucessão filho, e Neacuto-sobrinho do

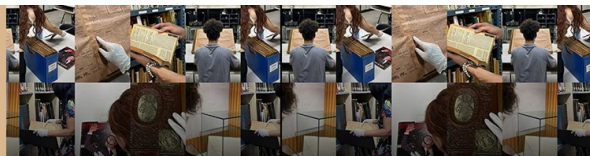


Após a Lalibela, se guerra de entre seu Ietbaraque, Leabe, antigo

negus. Iecuno-Amelaque um chefe militar amárico, que supostamente seria descendente de Delanode, último rei axumita, reúne tropas e parte para lutar contra os Zaguês. Em 1270, ele domina por completo a Etiópia, e se inicia uma nova dinastia, a dos Salomônidas; eles diziam-se descendentes do rei Salomão, por isso o nome. O reinado dos Salomônidas vai prosperar até que o último Imperador Etíope, Haile Selassie, que em 1975 será deposto e morto em um golpe de Estado realizado por uma junta militar comunista.

Figura 2. Vista aérea da Igreja de São Jorge em Lalibela, Etiópia.

12º Encontro de Pesquisa em História



Fonte: The Epoche Times, 2013. Disponível em: <https://www.epochtimes.com.br/vida/lalibela-lugar-sagrado-cristaos-etiope-igrejas-esculpidas-rocha-4775.html>. Acesso em: 22 maio 2024.

Os séculos seguintes ao reinado dos Salomônidas foram marcados por recuos e avanços do reino, guerras internas e conflitos contra os islâmicos. Nesse contexto, em 1494, Pêro de Corvilhã, explorador português que estava em busca do reino de Preste João chegou às terras etíopes, dando início à relação entre as duas nações.

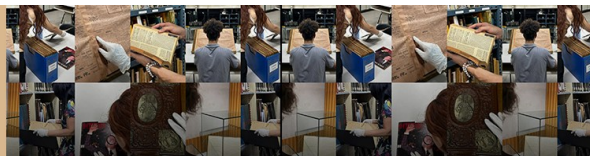
A Igreja etíope foi, até 1959, dependente do Patriarcado Copta de Alexandria, no Egito, passando a ser uma Igreja autocéfala, tornando-se a Igreja Ortodoxa Etíope Tewahedo. Até aquele momento, o Patriarca egípcio era a autoridade máxima da Igreja Etíope e responsável por nomear o *abuná* (Bispo da Etiópia). Por isso, durante muitos séculos os imperadores islâmicos do Egito vão tentar influenciar o reino cristão da Etiópia através da nomeação do seu bispo, que era um egípcio e, na maioria das vezes, escolhido não pelo Patriarca, mas pelos islâmicos. Um dos motivos disso acontecer é que os etíopes estavam em guerra em muitas ocasiões contra os muçulmanos, e eles tentaram influenciar o reino através do *abuná*.

A Igreja etíope utiliza o geês como língua litúrgica e o rito alexandrino nas suas celebrações. Uma das principais diferenças do cristianismo etíope com o Ocidental (como o catolicismo e o protestantismo), é de que eles creem no Monofisismo, que é a crença de que Jesus possuiu uma única natureza, a divina. Foi no século V, que o monge bizantino Eutíquio, propagou a ideia de que Jesus possuiu uma única natureza. Segundo Rodrigues (1963, p. 63):

[...] a tradição cristã costumava ver em Jesus o Filho de Deus feito homem (o mistério *stricte dictum* da Encarnação) — um Deus que é ao mesmo tempo homem; um Deus que possui uma natureza divina e (uma natureza) humana, mas no qual a natureza humana, despojada de sua própria personalidade, subsiste na personalidade divina; portanto em Deus que reúne duas naturezas distintas, mas na qual há uma só pessoa divina (a subsistir).

Através dessa ideia, entende-se o dogma do dualismo, presente no catolicismo, de que Jesus possui tanto a natureza divina, como a humana; ou seja, Jesus é Divino ao mesmo tempo em que é humano. Já no dogmatismo monofisista, Jesus é apenas Divino. Em 431, no Concílio de Éfeso, a doutrina foi aceita e contava com apoio do imperador bizantino Teodósio II e do Patriarca Diosario de Alexandria, tendo impacto principalmente no Oriente. No entanto, em

12º Encontro de Pesquisa em História



451, o papa Leão Magno convoca o Concílio da Calcedônia, que condena e torna o monofisismo uma heresia. Com isso, os seguidores dessa doutrina passaram a ser perseguidos e muitos buscaram refúgio em lugares como o Egito e Axum. Atualmente, existem ainda três Igrejas que seguem o monofisismo: a Apostólica (Armênia), a Jacobina (Síria) e a Copta (Egito e Etiópia).

Entre as diferenças do cristianismo etíope está a prevalência da utilização dos preceitos e leituras do Antigo Testamento em relação ao Novo. Isso é uma herança medieval de Euostateus, monge e líder religioso que reavivou antigas práticas, como o *sabbath* e a leitura do Velho Testamento. Entre as práticas está a realização da circuncisão, que é realizada no 7º dia após o nascimento dos meninos e no 8º para as meninas. No entanto, essa não é uma prática de origem judaica, mas sim cuxita, pois é comum ser realizada em sociedades tradicionais africanas.

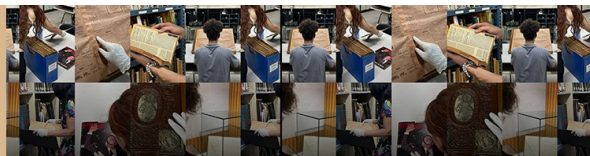
Já a celebração da eucaristia é uma das mais importantes da Igreja etíope, um ritual complexo que demanda muitos religiosos. O número de celebrantes varia de acordo com o local, o tipo de celebração e os meios financeiros da igreja. O número ideal de celebrantes seria 13, em referência a Jesus e seus 12 apóstolos; quando não é possível essa quantidade, um número ímpar é escolhido por causa do simbolismo (Fritsch, 2013, p. 12). As celebrações e os ritos variaram muito durante os séculos, mas as músicas e os cantos sacros ainda são muito presentes, bem como a utilização de tambores e de outros instrumentos musicais africanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Carta de Preste João possibilitou entender a criação do mítico reino cristão da Índia. As detalhadas descrições das terras governadas por Preste João, com animais míticos, a fonte da juventude, um grande tesouro real, palácios suntuosos, entre tantas outras coisas. Tudo isso contribuiu para a propagação dessa lenda pela Europa medieval e fez crescer o desejo dos europeus em estabelecer uma aliança com esse reino, para que juntos pudessem derrotar o Islã e retomar a Terra Santa.

Mas tudo que estava escrito na Carta, conforme evidenciado, foi uma invenção de um homem, Oto Babenberger. O bispo de Freising queria criar com a carta uma conexão com Frederico I, Sacro-imperador, para, assim, incentivar um grande império germânico, que teria como sua base a lenda de Preste João. Para isso, ele teria aproveitado os boatos da existência de

12º Encontro de Pesquisa em História



ricas comunidades cristãs no Oriente, que no caso seriam os nestorianos, que eram cristãos, mas heréticos segundo eles.

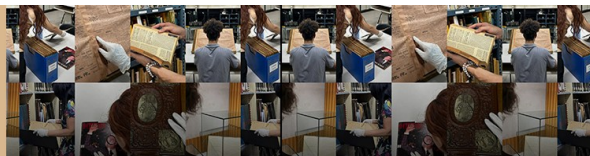
Ao longo dos séculos, ocorreram várias tentativas de encontrar o reino de Preste João na Ásia, até que um português o encontrou na África. Trata-se da chegada de Pêro de Corvilhã no reino cristão da Etiópia. Isso foi o fim de uma busca que atravessava os séculos, mas não foi uma descoberta que agradou a todos, como é o caso do padre Francisco Álvares, que em 1540 publicou um livro intitulado “Verdadeiras Informações das terras do Preste João das Índias”. Nessa obra, ele falou como o reino de Preste João que fora encontrado era completamente diferente do descrito na Carta, e esse é considerado o fim da lenda. Mas isso não impediu que o soberano etíope continuasse sendo chamado de Preste João pelos europeus, mesmo com eles sabendo que ele não era o soberano mítico.

Essa busca de Portugal pelo reino de Preste João foi apenas uma das empreitadas que os lusitanos estavam fazendo naquele período. Encontrar o reino para eles era a forma de criar uma aliança militar e com isso poder conquistar territórios islâmicos, além de que isso permitiria ter acesso a um rico mercado. Pode-se dizer que parte da frustração do padre Francisco Álvares foi de perceber de que esse grande projeto não seria concretizado.

O que os portugueses encontraram foi o reino cristão da Etiópia, descendente do antigo reino de Axum. Por não ter tido nenhum contato durante séculos com o cristianismo Ocidental, a Etiópia desenvolveu uma forma de cristianismo própria. Houve uma mistura entre tradições africanas, judaicas e cristãs e isso deu forma à Igreja etíope que, até meados do século XX, era uma dependência do Patriarcado de Alexandria. Costumes como a circuncisão, a utilização do Velho Testamento, a prática do Sabbath, entre outras coisas, deram forma à essa comunidade cristã na África à qual os portugueses tiveram contato.

A partir da investigação realizada, conclui-se que o mito de Preste João, embora fruto de uma falsificação, teve um impacto significativo na história europeia e nas explorações portuguesas. A pesquisa fornece uma reflexão crítica sobre como narrativas míticas e históricas se entrelaçam, influenciando ações e decisões políticas. Portanto, o estudo do mito de Preste João contribui para uma compreensão mais ampla das motivações e expectativas que impulsionaram as Grandes Navegações, assim como das relações culturais e religiosas entre Europa e África.

12º Encontro de Pesquisa em História



AGRADECIMENTOS

Este trabalho possui vínculo com a Iniciação Científica – PIVIC, realizada entre 2022 e 2023, com o tema: História e Formação do Cristianismo na Etiópia. Agradeço à minha orientadora, Dr.^a Prof.^a Flávia Santos Arielo, pela sua ajuda no desenvolvimento desse trabalho.

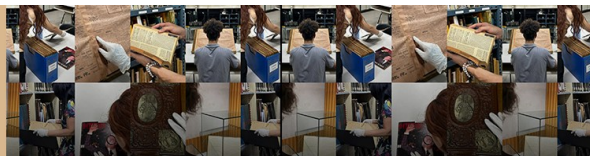
FONTE

CARTA do Preste João das Índias: Versões Medievais Latinas. Tradução: Leonor Buesco. 9. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998. 398 p. ISBN 972-37-0461-7. Disponível em: <https://repositorio.iscteuiul.pt/bitstream/10071/3714/1/Ramos%20%20Carta%20Preste%20Joa%20-%201998.pdf>. Acesso em: 14 maio 2024.

REFERÊNCIAS

- AMIN, Mônica. A Idade Média: Um Tempo de Fazer Cristão. **Revista ComparArte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 116-142, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ca/issue/view/820>. Acesso em: 25 out. 2024.
- ANFRAY, Francis. A Civilização de Axum do Século I ao Século VII. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). **História Geral da África II: África Antiga**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 375-397 Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=205176. Acesso em: 22 out. 2024.
- ARAUJO, Vinicius Cesar Dreger de. Existiu um projeto Imperial de História? Otto de Freising e a Chancelaria de Frederico I Barbarossa. **Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, Guarulhos, v.5 n.1, p. 73-83 ,25 abr. 2012. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/596>. Acesso em: 02 set. 2024.
- ARAUJO, Vinicius Cesar Dreger de. O Duque que queria ser Imperador: Uma análise política do *Evangelário* de Henrique o Leão. **IV Encontro Internacional “A imagem medieval: história e teoria”** – LATHIMM-USP, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/5225819/O_Duque_que_queria_ser_Imperador_Uma_an%C3%A1lise_pol%C3%ADtica_do_Evangeli%C3%A1rio_de_Henrique_o_Le%C3%A3o_The_Duke_who_would_be_Emperor_A_political_analysis_of_Henry_the_Lions_Evangeliary . Acesso em: 02 set. 2024.
- BARROS, José D’Assunção. Heresias na Idade Média: Considerações sobre Fontes e Discussão Historiográfica. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Rio de Janeiro, ano II, n. 6, p. 3-46, fev. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jose-Barros-28/publication/267724899_HERESIAS_NA_IDADE_MEDIA_CONSIDERACOES_SOBRE_AS_FONTES_E_DISCUSSAO_HISTORIOGRAFICA/links/

12º Encontro de Pesquisa em História



[5a03d0420f7e9beb1772c5a5/HERESIAS-NA-IDADE-MEDIA-CONSIDERACOES-SOBRE-AS-FONTES-E-DISCUSSAO-HISTORIOGRAFICA.pdf](https://www.unisagrado.edu.br/5a03d0420f7e9beb1772c5a5/HERESIAS-NA-IDADE-MEDIA-CONSIDERACOES-SOBRE-AS-FONTES-E-DISCUSSAO-HISTORIOGRAFICA.pdf). Acesso em: 25 out. 2024.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial, 2002. P.120. Disponível em: https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf8.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

CONTENSON, Henri de. A Cultura Pré-Axumita. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). **História Geral da África II: África Antiga**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 351-374. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205176. Acesso em: 22 out. 2024.

COSTA, Ricardo da. Por uma geografia mitológica: A lenda medieval do Preste João, sua permanência, transferência e “morte”. **Revista da História**, Vitória, ed. 9, p. 53-64, 20 dez. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2304>. Acesso em: 14 maio 2024.

ETCHEBÉHÈRE Junior, Lincoln.; LEPINSKI, Thiago P. de S. Críandade Oriental: a Igreja Etíope na Idade Média. **Mirabilia 9 - Aristocracia e nobreza no mundo antigo e medieval**, dez. de 2009. Disponível em: https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2009_05.pdf. Acesso: 22 out. 2024.

FRITSCH, Emmanuel. Concelebration of the Eucharistic Liturgy in the Ethiopian Tradition. **Studies on the Liturgies of the Christian East: Selected Papers of the Third International Congress of the Society of Oriental Liturgy**, [s. l.], v. 18, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/10297474/Concelebration_of_the_Eucharistic_Liturgy_in_the_Ethiopian_Tradition?email_work_card=view-paper. Acesso em: 22 out. 2024.

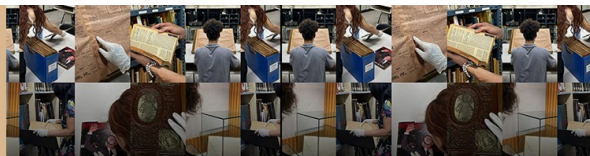
HENRIQUES, Luís M. Uma expedição ao *ethos* do Preste João. Legado clássico no Renascimento e sua recepção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu, **Coimbra**, [s.n.], p.171-187, 20 nov. 2017. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/19476>. Acesso em: 02 set. 2024.

KOBISHANOV, Yuri Mikhailovich. Axum do século I ao século IV: economia, sistema político e cultura. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). **História Geral da África II: África Antiga**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 399-423. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205176. Acesso em: 22 out. 2024.

LALIBELA, um lugar sagrado aos cristãos etíopes com igrejas esculpidas em rocha. **The Epoch Time**, 5 dez. 2013. Foto. Disponível em: <https://www.epochtimes.com.br/vida/lalibela-lugar-sagrado-cristaos-etiofes-igrejas-esculpidas-rocha-4775.html>. Acesso em: 22 maio 2024.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2018.

12º Encontro de Pesquisa em História



MEKOURIA, Tekle Tsadik. Axum Cristão. *In*: MOKHTAR, Gamal (ed.). **História Geral da África II: África Antiga**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 426-450. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205176. Acesso em: 22 out. 2024.

PANEGASSI, Rubens Leonardo. Naturalização do trato político e conservação das conquistas: o mito do Preste João e a linguagem política no Renascimento Português. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 23, ed. 1, p. 25-37, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5798/579865455009/html/>. Acesso em: 14 maio 2024.

PEDERSEN, Kirsten Stoffregen. Is the Church of Ethiopia a Judaic Church? **Warszawskie Studia Teologiczne**, Jerusalem, v. 12, n. 2, p. 203-216, 1999. Disponível em: <https://akademiakatolicka.pl/wp-content/uploads/wst/12-2/Pedersen.pdf>. Acesso em: 22 out. 2024.

PEREIRA, Hugo Miguel de Almeida. **Uma força Expedicionária Portuguesa na Campanha da Etiópia de 1541-1543**. Orientador: Nuno Lemos Pires. 2012. 83 p. Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (Aspirante - Aluno de Infantaria) - Academia Militar de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/6888>. Acesso em: 14 maio 2024.

POLO, Marco. **As Viagens**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. – São Paulo: Martin Claret, 2015. – (Coleção a obra-prima de cada autor, 11).

RAMOS, Manuel João. **Ensaio de Mitologia Cristã: o Preste João e a reversibilidade simbólica**. Lisboa: Assírio & Alvim e Manuel João Ramos, 1997. p. 398. Disponível em: <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/ensaios-de-mitologia-crista-o-preste-joao-e-a-reversibilidade-simbolica/58135>. Acesso em: 02 set. 2024.

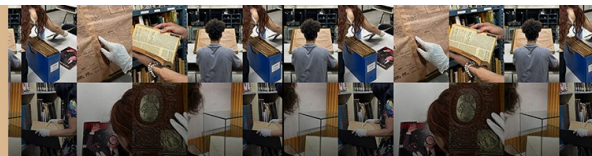
RODRIGUES, Maria Regina da Cunha. O monofisismo no reinado de Justiniano (527- 565). **Revista de História**, [S. l.], v. 27, n. 55, p. 61-99, 1963. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1963.122122. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/122122>. Acesso em: 22 out. 2024.

SILVA, Alberto da Costa e. **A Enxada e a Lança: a África antes dos portugueses**; apresentação Laurentino Gomes. – 7. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

SIMÕES, Silvia Santos. Bizâncio, Pérsia e Ásia Central, pólos de difusão do Nestorianismo. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 2, n. 5, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9985>. Acesso em: 3 set. 2024.

THE Walters Art Museum (Estados Unidos). **William of Tyre 's "Histoire d 'Ostre Mer"**. Baltimore. Disponível em: <https://art.thewalters.org/detail/8971/histoire-doutre-mer-2/> Acesso em: 22 out. 2024.

12º Encontro de Pesquisa em História



VILHENA, Maria da Conceição. O Preste João: mito, literatura e história. **Arquipélago. História**, Universidade dos Açores, v. 5, ed. 2, p. 627-649, 1 jan. 2001. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/357>. Acesso em: 14 maio 2024.